

Título: “*Redes de emigração clandestina: entre as realidades e as representações*”

Autor: Marta Nunes Silva

Palavras-chave: Redes; Emigração clandestina; Memória.

Resumo:

O tema que se apresenta surge no âmbito de uma investigação mais alargada sobre redes de emigração económica clandestina com destino a França, entre 1960-1974, e centrada no estudo de caso das redes que actuaram no Concelho de Penedono do Distrito de Viseu.

Pela sua importante presença em território rural, durante o *crepúsculo* do Estado Novo, estas redes deram origem a uma diversidade de discursos e opiniões manifestadas por diferentes interlocutores. Pretende-se, portanto, como objecto desta comunicação, analisar as diversas representações sociais construídas em torno das redes, por diferentes sujeitos, que, directa ou indirectamente, estiveram ligados a elas: emigrantes, auxiliares de emigração clandestina, regime político e opositores à emigração.

Numa tentativa de contribuir para a preservação da *Memória* de um grupo, que ainda hoje relembra as aventuras e desventuras da sua actividade através de encontros de colegas de “profissão”, ao mesmo tempo que se procura conhecer melhor uma realidade social do Portugal do Estado Novo, tentar-se-á interpretar o discurso rememorativo de antigos emigrantes clandestinos e auxiliares, comparando-o com as interpretações proferidas pelos mesmos em tempo e contexto diferentes. Por outro lado, procura-se analisar o discurso dos opositores à emigração, no momento de actividade das redes, e perceber até que ponto este discurso terá sido influente na construção das imagens criadas pelos imigrantes.

Este quadro de objectivos levanta algumas questões: a imagem negativa das redes, transmitida pelo regime autoritário, foi, e continua a ser, partilhada pelos emigrantes que recorreram a elas? Terão sido realmente eficazes as intenções subjacentes ao discurso dos opositores à emigração? Partindo da ideia de Pierre Nora, de que o processo de construção da *Memória* tem sempre subjacente o *Passado* e o *Presente*, questiona-se que factores terão contribuído para a construção de interpretações diversas. No sentido de responder a estas problemáticas, concedeu-se um papel central à História Oral, sendo este o instrumento da História que melhor permite recolher dados que não foram registados por documentos oficiais. A História Oral, dirigida a antigos emigrantes clandestinos e auxiliares é um instrumento útil na análise de diferentes dinâmicas sociais construídas no mundo rural, numa dimensão de ilegalidade. Os recalamentos,

os silêncios, as omissões, e deformações nos discursos dos testemunhos, assim como as entrevistas não concedidas, são sinais de uma memória selectiva que ajudam a esclarecer as problemáticas propostas.

Cruzam-se estas fontes com os registos da *Memória do Poder*, que podem ser esclarecedores para entender o ponto de vista do regime e dos seus representantes e apoiantes, como para compreender a visão dos emigrantes acerca das redes no momento do acontecimento. Os registos oficiais foram procurados nos seguintes fundos arquivísticos nacionais: PIDE/DGS; Ministério do Interior; Oliveira Salazar; Arquivo Histórico Diplomático. A nível local, e de acordo com o estudo de caso, consultaram-se os seguintes arquivos: Distrital de Viseu; Municipal de Penedono; e os Arquivos dos Tribunais Judiciais das Comarcas de Almeida, Mêda, Moimenta da Beira e São João da Pesqueira.